

CADERNO ESPECIAL 2025

COLONO & MOTORISTA



Nas mãos calejadas do **colono** e nas estradas percorridas pelo **motorista**, está o Brasil que trabalha, planta e movimenta a nossa história.

Valores ancestrais nutrem nossa herança cultural

Os valores culturais e a memória histórica edificam relações profundas na vida da gente. Por resistentes ao tempo e ao vento, traduzem a dinâmica que reflete a importância que um povo empresta aos fundamentos da ancestralidade do lugar. Ali, portanto, como em Padre Gonzales, Três Passos, protagonismo permanentemente em curso sob substantivo esforço pela conservação da história que percorre horizontes no caminhar de uma sociedade que revigora sua fé comunal a cada amanhecer.

Fundamentalmente, as ações culturais e a memória direcionam o conteúdo significativo da história, o grande regente do curso da vida. Este, o curso da vida, determina conhecer a origem e estabelecer o rumo e o prumo do homem no correr do tempo. Sobretudo, esclarece as raízes da ancestralidade, escancara o júbilo, as esperanças, os temores, as vitórias e as derrotas da condição humana na sucessão das gerações.

Se houver vontade de conhecer, a ancestralidade permite perfilar com valores que nutrem a herança cultural e transportam à sublimidade dos quadrantes da vida, expondo cenários fascinantes, em cujo permeio também possível descortinar, aprender e reconhecer a importância do conhecimento sobre os primórdios. Se hoje somos o que somos é porque temos história. Materializamos o resgate da ancestralidade, a vivência comunal e destacamos personagens que protagonizaram o desenvolvimento daqui. Valoramos a nossa cultura e reconhecemos a competência dos pioneiros que transformaram o nada em algo grandioso ao longo da colonização e dos mais de 70 anos da Festa do Colono e Motorista, desde 1953.

Expediente

Diretor: Renato Marodin
Texto: Karine Vieira e Lúcio Steiner
Revisão: Lúcio Steiner
Arte Final: Deivid Vargas
Comercial: Wilson Prado e Marinês Ribeiro

Desfile temático, sempre a grande atração



Momento do último desfile temático, em 2023.

Se houve uma etnia imigrada identificada com o sistema da colonização baseada em pequenas propriedades, esta foi a alemã. Não foi o contingente humano mais expressivo no contexto da imigração porque entraram no país muito mais italianos, lusos, hispânicos e nipônicos. Todos carregaram em comum a esperança de que aqui, apesar dos percalços inerentes, floresciam condições de construir futuro. Foram os imigrantes alemães, porém, com sua identidade peculiar e como pioneiros, que trouxeram contribuições diversas que se revelaram capazes de marcar indelevelmente a fisionomia humana meridional a partir

de 1824. Muito além disso, a propósito, canalizaram a parcela mais significativa de sua energia comunitária a favor da educação e do conceito comunal.

Para centenas de comunidades do Brasil meridional, sobretudo do Rio Grande do Sul, o dia 25 de julho reveste-se de um significado especial, como o Dia do Colono, com tangência ao motorista. A data remete à chegada dos pioneiros, que aportaram na Feitoria Real do Linho Cânhamo, hoje município de São Leopoldo.

Entrando em processo migratório, os sucessores dos pioneiros influíram no caminhar da colonização, que também chegou a Padre Gonzales, Três Passos,



Remanescente histórica: casa das mais antigas da sede distrital.

por volta de 1918. A partir de 1953, a sede distrital tornou-se palco de grande festa, reservando para si significativo espaço para evocar sua memória como localidade regional pioneira na comemoração da data histórica da imigra-

ção. Tal vivência comunal revigora as raízes existenciais mais profundas. Tanto que uma das atrações impactantes dos festejos sempre é o desfile temático, tendo o próximo previsto para este domingo, 27 de julho.

25 de Julho | Dia do COLONO E MOTORISTA

NOSSA HOMENAGEM AOS QUE PRODUZEM E AOS QUE TRANSPORTAM OS ALIMENTOS QUE CHEGAM EM NOSSAS MESAS, PROMOVENDO O CRESCIMENTO DESTE NOSSO IMENSO BRASIL.



Laranjeira centenária, uma raridade em Três Passos

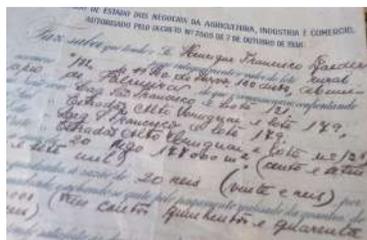
No que pertence restrito à colonização, os imigrantes foram definidos como pioneiros em terras devolutas, o que os colocou em áreas isoladas, condição revertida a partir do fim do Brasil Imperial. Tal processo de assentamento contemplou pequenas propriedades, de dimensão familiar, ao longo de picadas, com os lotes quase sempre tendo um curso hídrico ou travessão como alguma linha divisória.

No caso paroquial, Três Passos, pertinente ao assentamento de colonos, apontamentos localizam as primeiras referências a 1860 e início da década seguinte, quando em curso a demarcação de lotes em território servido por um ribeirão denominado São Francisco, supostamente identificado em época ou dia, 4 de outubro, dedicado ao santo católico protetor da natureza. O chefe da expedição demarcató-

ria teria sido Antônio Florêncio Pereira do Lago, major do Exército Imperial que, em 25 de dezembro de 1879, instalou a Colônia Militar do Alto Uruguai.

As nascentes, diversas, do atual Lajeado São Francisco, localizam-se aos fundos de santuário dedicado aos beatos padre Manuel Gomes Gonzales e coroinha Adilio Daronch. Hoje, o curso hídrico inicialmente corre restrito ao território de Três Passos, formando uma microbacia. Depois serve como divisor territorial entre os municípios de Esperança do Sul e Tiradentes do Sul. Com pouco mais de 40 quilômetros de extensão, continuando como divisor de lotes rurais, cai direto no Rio Uruguai.

Neste contexto histórico e geográfico também encontra-se o lote nº 132, 4ª Secção Turvo, sugerindo que foi demarcado pelo ma-



Documento identifica o provável primeiro ocupante do lote.

ior do Exército Imperial. Da sua ocupação, embora vagas, restam apontamentos que identificam Henrique Francisco Raeder como provável primeiro donatário. Na sucessão de proprietários, a última alteração aconteceu em 1947.

Não teria nada de diferente dos demais lotes que perfilam ao longo do Lajeado São Francisco, não fosse um detalhe. Ali encontra-se uma laranjeira comum com idade próxima do tempo que seguiu a instalação da Colônia Militar do Alto Uruguai, isto é, bem mais de 100 anos.



Laranjeira centenária ainda floresce a cada primavera.

25 DE JULHO | DIA DO

Colono e do Motorista


Sinuelo[®]
AGRÍCOLA

A Sinuelo Agrícola parabeniza os profissionais essenciais que movem o campo e o abastecimento do nosso país.

Com trabalho, dedicação e coragem, vocês constroem diariamente a base do agronegócio brasileiro.

Das raízes que *alimentam*

Na propriedade da família Varini, a citricultura tornou-se uma alternativa de renda, para além do cultivo de grãos

A simplicidade do campo e a grandeza de quem escolheu tirar o seu sustento da terra, reinventando o cultivo a partir da própria realidade – a definição de colonos, precursores dos tempos de outrora, que disseminaram o seu conhecimento em prol da evolução humana. No interior de Santo Augusto, na localidade da Costa do Turvo, a família Varini aposta no cultivo da citricultura, como forma de complemento à renda para além do cultivo de grãos.

A trajetória da família na citricultura começou em 2008, com incentivo da Emater local. A decisão surgiu da necessidade. “Temos uma pequena propriedade e percebemos que não era possível viver apenas com a renda da soja, milho e trigo. Foi quando optamos pela produção de citros”, recorda Valmir Varini.

O primeiro pomar levou cerca de 3 anos para começar a dar os primeiros frutos, porém, a implantação estava longe de ser o maior desafio. “Tivemos dificuldade em fazer a comercialização das frutas. Não tínhamos muita experiência. Porém, com o passar dos anos, a comunidade foi conhecendo o nosso produto e conseguimos superar”, comentou. “Hoje temos uma boa clientela. As pessoas passaram a valori-

zar a qualidade das frutas que oferecemos”, complementou.

Com o apoio técnico da Emater, à época representada pelo extensionista Romeu Rohde, foram escolhidas variedades específicas que se adaptam bem à região. A propriedade cultiva laranja anelina, bergamota ortanique, produzida a partir de julho; e laranja midnight, voltada para o suco, colhida também no segundo semestre. Todas as frutas são sem sementes, uma característica muito apreciada pelos consumidores.

As primeiras mudas vieram da antiga Fundaturvo, em parceria com o Instituto Federal Farroupilha. O plantio foi feito com esforço familiar e segue exigindo cuidados constantes, tais como adubação periódica, controle de plantas invasoras, manejo para evitar doenças. “Manter o pomar saudável é um desafio diário, ainda mais agora que estamos buscando a certificação de produção orgânica”, explica o agricultor. A ideia de produzir frutas orgânicas surgiu em diálogo com os técnicos da Emater, e representa uma etapa importante na consolidação do trabalho iniciado há mais de 15 anos. Trata-se de um processo exigente, que exige vigilância constante



e manejo criterioso, mas que fortalece ainda mais o compromisso com uma agricultura limpa, segura e respeitosa com o meio ambiente.

Grande parte da produção é vendida dentro do próprio município. Uma porção significativa das frutas vai diretamente para a merenda escolar, integrando a alimentação de crianças e adolescentes. A venda em supermercados ainda é restrita. Os desafios logísticos e a concorrência com frutas vindas de outras regiões — muitas vezes com preços menores

— tornam a comercialização mais complexa. “Os supermercados preferem o que vem de fora, mesmo quando temos um produto de qualidade aqui, ao lado”, lamenta Valmir.

Outro obstáculo enfrentado é a falta de assistência técnica especializada na área da citricultura. O suporte oferecido pela Emater é essencial, mas ainda insuficiente diante das demandas específicas da cultura. Mesmo assim, a família segue firme, aprendendo no dia a dia, aprimorando os cuidados e expandindo o conhecimento



com base na observação da terra.

Alegoria carrega árvore genealógica de imigrantes

Remanescência em apenas raras pequenas propriedades rurais, via de regra distantes de aglomerações habitacionais, a carroça vem perdendo o sentido característico inicial. Outrora, foi um meio de transporte que trouxe até aqui famílias dos pioneiros da colonização e seus parcos pertences. Ontem, rangendo pelas longas e monótonas picadas lamacentas, carregava a esperança de uma vida melhor. Hoje, onde ainda sobrevive, carrega lembranças de um passado que se perde cada vez mais rápido como marca do movimento migratório pelo Rio Grande do Sul.

Para referenciar a memória, Mauro Rückert mais uma vez comparece ao palco da história. Motivado pela repercussão até internacional, na Alemanha, como o tem feito o periódico Partner Zeitung (publicação simultânea em alemão e inglês) focando o veleiro cenográfico



Veleiro cenográfico repercutiu na Alemanha em 2024.

consagrado no dia 21 de julho de 2024, quando da celebração da passagem dos 200 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul, o artesão e ambientalista morador do Jardim Temáti-

co e Genealógico Rückert-Thal, em Padre Gonzales, Três Passos, chegou com a proposta de operacionalizar uma carroça carregada de genealogia, direcionando sua inserção na Festa



Carroça alegórica carregada de genealogia de ancestrais.

do Colono e Motorista 2025.

A obra do artesão está no seu Jardim Temático e Genealógico. Quem desperto para conhecer genealogias ancestrais poderá visitá-la aprovei-

tando as festividades em movimento para alimentar-se de substancial fonte histórica e resgatar algo que circunda e permeia o distrito de Padre Gonzales.

Meliponário e Apiário Dapper, referência de gerações na produção de mel

Quatro gerações de uma família que transformaram o mel em legado, educação e conexão com a natureza no interior de Três Passos

A prática centenária da apicultura contempla gerações e transforma o néctar das flores em um dos produtos de maior valor medicinal já conhecido, o mel. A origem da doce atividade remonta a 1839, quando o padre Antônio Carneiro trouxe as primeiras colônias da espécie *Apis mellifera* de Portugal para o Rio de Janeiro. Contudo, foi apenas nas décadas de 1970 em diante que o manejo ganhou técnicas modernas e se expandiu pelo país. O conhecimento transformado em legado permeia o dia-a-dia da família Dapper, moradora da comunidade Santo Antônio, interior de Três Passos, que há mais de 60 anos dedica-se à atividade.

A história do Meliponário e Apiário Dapper teve como precursor Armindo Dapper, que despertou no filho Rualdo o mesmo fascínio pelas abelhas. Depois, a continuidade aconteceu com o neto Claudir, que hoje cuida do legado com esmero. A chama já brilha também nos olhos curiosos do bisneto Arthur, de apenas 8 anos, que com orgulho zela pelas próprias colmeias da espécie mirim-guaçu — uma das mais doces entre as abelhas sem ferrão.

Atualmente a propriedade possui 250 colmeias de abelhas sem ferrão, distribuídas entre 16 espécies diferentes, além de outras 150 colmeias de abelhas com ferrão (*Apis mellifera*). Entre os destaques da produção está o mel da abelha Jataí, um dos primeiros com certificação do Estado, além do extrato de própolis, cada vez mais valorizado por suas propriedades medicinais, entre outras iniciativas.

A propriedade familiar, passou a trilhar novos caminhos após um momento de dificuldade. Durante a pandemia, Claudir enfrentou um quadro grave de Covid-19. Foi nesse



período de provação que encontrou um novo propósito: abrir as portas do meliponário para a educação ambiental, recebendo gratuitamente escolas, universidades e projetos sociais. “Após a enfermidade, resolvi abrir as portas do Meliponário e Apiário Dapper e disseminar o nosso conhecimento. Queremos que mais crianças, como o Arthur, cresçam aprendendo a cuidar da natureza e das abelhas. Esse é o nosso legado”, afirma.

Essa nova missão se fortaleceu com a inclusão da agroindústria no Serviço de Inspeção Municipal em outubro de 2023, o que permitiu que a produção



ganhasse ainda mais visibilidade e segurança. Mais recentemente, em julho deste ano, a agroindústria conquistou a adesão ao Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar (SUSAF-RS), permitindo que o mel produzido no interior de Três Passos possa ser comercializado em todo o Rio Grande do Sul.

De acordo com informações, em 2024, a empresa produziu cerca de 7 mil quilos de mel, número um pouco abaixo da média habitual - reflexo das instabilidades climáticas que afetam as floradas e, consequentemente, o trabalho das abelhas. Claudir explica que uma das prioridades da agroindústria é quanto a qualidade do produto que chega à mesa dos consumidores. “A nossa produção passa por nove verificações antes de ser enviada ao consumidor”, garante.

Entretanto, para além da prática aprendida com seus antepassados, Claudir também salienta o cuidado tido pela

família com as caixas que abrigam as abelhas, estas feitas de forma artesanal pelos próprios apicultores. “Cada caixa é produzida por nós, seguindo a risca uma metragem para que possamos deixar as nossas abelhas confortáveis”, explica.

Além das vendas no comércio local, o Meliponário e Apiário Dapper marca presença em importantes feiras e eventos do setor, como a Expointer, a Expoagro Cotricampo e a Feicap, levando consigo não apenas produtos, mas a história viva de uma família comprometida com a sustentabilidade e com o futuro das próximas gerações.



O afeto sobre rodas

Conhecida como tia Nega, a motorista de transporte escolar acompanha a evolução escolar de muitos em Santo Augusto

Do volante da sua van escolar, Claudete da Silva, carinhosamente conhecida como Tia Nega acompanha os primeiros passos na vida escolar de muitos alunos em Santo Augusto. Ao longo dos mais de 20 anos de estrada, Nega dedica os seus dias a conduzir crianças e adolescentes às mais variadas instituições de ensino da Cidade Pérola.



lhava como cozinheira em fazendas, enquanto ele dirigia. A mudança para o Rio Grande do Sul trouxe novos caminhos. A irmã dela, amiga da dona de uma Kombi de transporte escolar que estava à venda, apresentou a oportunidade.

"Naquela época, só havia um transporte particular por aqui", relembra. Nos primeiros anos, Nega atuava como monitora na van do esposo. Mas em 2006, impulsionada pelo amor às crianças e pela convivência diária, decidiu tirar a carteira de habilitação para também assumir o volante. "Eu gostava de trabalhar com os pequenos. Foi isso que me motivou", conta.

Hoje, já são mais de duas décadas conduzindo vidas, acompanhando gerações que se renovam. Crianças que ela levou na Vovó Amália hoje têm seus próprios filhos — e voltam a entrar na van, agora como pais. A rotina, apesar dos desafios, é marcada pelo carinho. "A relação com os alunos é muito amigável, divertida. Mas, ao mesmo tempo, carrega muita responsabilidade



com a segurança. Nunca deixo isso de lado", garante.

Nega recorda com carinho do dia em que foi surpreendida por um antigo aluno em outra cidade. "Ele me reconheceu de longe, me chamou de 'Tia Nega da Van', com tanto carinho. São momentos que marcam o coração pra

sempre", disse.

Entre os percalços do dia a dia, a motorista cita o desafio de manter os horários, principalmente em dias de chuva e trânsito intenso. Uma situação delicada foi quando se envolveu em um pequeno acidente com os alunos a bordo. "Mantive a calma, levei todos para a escola em segurança. Depois, resolvi tudo com tranquilidade", relembra. Também recorda uma blitz policial feita em frente a uma escola anos atrás, experiência que a deixou desconfortável, mas que enfrentou com a serenidade que a profissão exige.



Princesa reside em casa rural de construção iniciada em 1925



Inserido no fluxo migratório, Alfredo Wiesenhütter, partindo de Lajeado/RS, chega à Linha São Francisco, pertencente ao Distrito de Padre Gonzales, Três Passos, um dos pioneiros da localidade. A memória não guardou a data da chegada. Porém, é possível posicionar uma proximidade: os anos iniciais a partir de 1900.

Já com família em constituição a partir do seu casamento com Frida Weirich, ocupando um dos lotes demarcados pela comissão chefiada pelo major Antônio Florêncio Pereira do Lago, do Exército Imperial, em 1925 começa a construir sua casa e onde a família progride com os filhos Albano, Lauro, Elmo, Iracema, Edgar e Leonida. Estes depois se dispersaram, restando residente Albano, ali constituindo família com Elga Maria Eggers. O casal teve os filhos, Décio, Hélcio, Isolde, Mirtes e

Diva.

Na sucessão das gerações, Hélcio, com o concurso da esposa, Janete Silvani Kaisekamp e da filha Luana Letícia, prossegue guardião do patrimônio histórico do seu avô e pai. A casa, concluída em 1928, praticamente conserva as características da época. Apenas sofreu reparos exigidos pelo tempo e alguns acréscimos que a evolução coloca à disposição. Detalhes de sua originalidade continuam presentes, como paredes com tábuas de surpreendente largura, testemunhas da vetusta floresta dominante nos primórdios.

Na casa centenária segue residindo com os pais a bisneta do pioneiro. Luana Letícia Wiesenhütter, formada em Administração de Empresas, servidora pública municipal e oferecer suporte à agricultura familiar na propriedade, harmoniza tempo ao evento comemorativo em referência a uma das etnias representativas da colonização do Rio Grande do Sul, compondo a realeza como 1ª princesa da Festa do Colono e Motorista 2025.



A princesa entre os pais, Hélcio e Janete.



Família conserva baú trazido de Lajeado/RS pelos bisavós.



Construção iniciada em 1925, casa preserva características da época.

DIA DO COLONO & MOTORISTA
25 DE JULHO
Aos que semeiam o futuro e transportam conquistas, nossa gratidão!

CENTRO CULTURAL 25 DE JULHO
TRÊS PASSOS - RS

25 DE JULHO
DIA DO COLONO IMIGRANTE MOTORISTA

cotripal | Cooperar PARA CRESCER
(51) 3375-9000 | cotripal.com.br

Parabéns colono & motorista
orgulho que move o Brasil. 25 jul

PEDRALLI FILHOS
Loja: 3523-0094 / Silo: 3523-0069
BR 468, Km 105, Padre Gonzales - TRÊS PASSOS - RS

Dia do colono & motorista
Pilares que mantêm o Brasil em movimento.

CLÍNICA TOPÁZIO
ODONTOLOGIA ESPECIALIZADA



O afeto sobre rodas

Conhecida como tia Nega, a motorista de transporte escolar acompanha a evolução escolar de muitos em Santo Augusto

Do volante da sua van escolar, Claudete da Silva, carinhosamente conhecida como Tia Nega acompanha os primeiros passos na vida escolar de muitos alunos em Santo Augusto. Ao longo dos mais de 20 anos de estrada, Nega dedica os seus dias a conduzir crianças e adolescentes às mais variadas instituições de ensino da Cidade Pérola.

A história da motorista iniciou em 2002. Vinda da Bahia com o marido, o Tio Paulo — também motorista —, ela conta que traba-



lhava como cozinheira em fazendas, enquanto ele dirigia. A mudança para o Rio Grande do Sul trouxe novos caminhos. A irmã dela, amiga da dona de uma Kombi de transporte escolar que estava à venda, apresentou a oportunidade.

“Naquela época, só havia um transporte particular por aqui”, relembra. Nos primeiros anos, Nega atuava como monitora na van do esposo. Mas em 2006, impulsionada pelo amor às crianças e pela convivência diária, decidiu tirar a carteira de habilitação para também assumir o volante. “Eu gostava de trabalhar com os pequenos. Foi isso que me motivou”, conta.

Hoje, já são mais de duas décadas conduzindo vidas, acompanhando gerações que se renovam. Crianças que ela levou na Vovó Amália hoje têm seus próprios filhos — e voltam a entrar na van, agora como pais. A rotina, apesar dos desafios, é marcada pelo carinho. “A relação com os alunos é muito amigável, divertida. Mas, ao mesmo tempo, carrega muita responsabilidade



com a segurança. Nunca deixo isso de lado”, garante.

Nega recorda com carinho do dia em que foi surpreendida por um antigo aluno em outra cidade. “Ele me reconheceu de longe, me chamou de ‘Tia Nega da Van’, com tanto carinho. São momentos que marcam o coração pra

sempre”, disse.

Entre os percalços do dia a dia, a motorista cita o desafio de manter os horários, principalmente em dias de chuva e trânsito intenso. Uma situação delicada foi quando se envolveu em um pequeno acidente com os alunos a bordo. “Mantive a calma, levei todos para a escola em segurança. Depois, resolvi tudo com tranquilidade”, relembra. Também recorda uma blitz policial feita em frente a uma escola anos atrás, experiência que a deixou desconfortável, mas que enfrentou com a serenidade que a profissão exige.



Princesa reside em casa rural de construção iniciada em 1925



Inserido no fluxo migratório, Alfredo Wiesenhütter, partindo de Lajeado/RS, chega à Linha São Francisco, pertencente ao Distrito de Padre Gonzales, Três Passos, um dos pioneiros da localidade. A memória não guardou a data da chegada. Porém, é possível posicionar uma proximidade: os anos iniciais a partir de 1900.

Já com família em constituição a partir do seu casamento com Frida Weirich, ocupando um dos lotes demarcados pela comissão chefiada pelo major Antônio Florêncio Pereira do Lago, do Exército Imperial, em 1925 começa a construir sua casa e onde a família progride com os filhos Albano, Lauro, Elmo, Iracema, Edgar e Leonida. Estes depois se dispersaram, restando residente Albano, ali constituindo família com Elga Maria Eggers. O casal teve os filhos, Décio, Hélcio, Isolde, Mirtes e

Diva. Na sucessão das gerações, Hélcio, com o concurso da esposa, Janete Silvani Kaisekamp e da filha Luana Letícia, prossegue guardião do patrimônio histórico do seu avô e pai. A casa, concluída em 1928, praticamente conserva as características da época. Apenas sofreu reparos exigidos pelo tempo e alguns acréscimos que a evolução coloca à disposição. Detalhes de sua originalidade continuam presentes, como paredes com tábuas de surpreendente largura, testemunhas da vetusta floresta dominante nos primórdios.

Na casa centenária segue residindo com os pais a bisneta do pioneiro. Luana Letícia Wiesenhütter, formada em Administração de Empresas, servidora pública municipal e oferecer suporte à agricultura familiar na propriedade, harmoniza tempo ao evento comemorativo em referência a uma das etnias representativas da colonização do Rio Grande do Sul, compondo a realeza como 1ª princesa da Festa do Colono e Motorista 2025.



A princesa entre os pais, Hélcio e Janete.



Família conserva baú trazido de Lajeado/RS pelos bisavós.



Construção iniciada em 1925, casa preserva características da época.

DIA DO COLONO & MOTORISTA
25 DE JULHO
Aos que semeiam o futuro e transportam conquistas, nossa gratidão!

CENTRO CULTURAL 25 DE JULHO
TRÊS PASSOS - RS

25 DE JULHO
DIA DO COLONO & MOTORISTA

cotripal | Cooperar PARA CRESCER
(51) 3375-9000 | COTRIPAL.COM.BR

Parabéns colono & motorista
orgulho que move o Brasil. 25 jul

PEDRALLI FILHOS
Loja: 3523-0094 / Silo: 3523-0069
BR 468, Km 105, Padre Gonzales - TRÊS PASSOS - RS

Dia do colono & motorista
Pilares que mantêm o Brasil em movimento.

CLÍNICA TOPÁZIO
ODONTOLOGIA ESPECIALIZADA

Uma escola rural a caminho do centenário



História da escola iniciou em 1926 pelo esforço dos pioneiros da colonização.

Prover educação aos filhos dos pioneiros da colonização, muito além de apenas ensinar a ler e a escrever no início do século passado, mobilizou famílias inteiras a abrir caminhos e clareiras nas matarias e ao longo deles (dos caminhos) e nelas (nas clareiras) a construir as bases educacionais. Pelo imaginário, vemos-as (as famílias) em intenso e penoso labor moldando uma estrutura rústica que se tornaria a escola. Concluído o mutirão, diante da obra, todos em estreita comunhão, como se templo ou ora sacrossanto fosse, festejam e depositam as suas esperanças no rumo e futuro da sucessão das gerações.

Quando fundamentada sobre a realidade do meio, a escola rural constitui efetivo instrumento capaz de transcender o universo físico do homem. A própria história demonstra isso. Um exemplo parquial, em São Jacó, interior de Santo Augusto, resultado

do esforço comunitário, ressoa de uma proposta educacional que se revela longeva.

A escola rasgou fronteiras produzindo vida prática e conduzindo o homem ao reino dos valores. Soube oferecer subsídios valiosos aos habitantes do meio rural, justamente por inserida em território em que as riquezas agropecuárias representam o que há de vital no sustento econômico e social da comunidade. Fechar este tempo memorável no caminho do centenário traduz o esforço dos colonizadores ao arrostarem toda sorte de obstáculos no deserto demográfico das distâncias de antanho.

Escola competente

A comunidade que se identifica com a Escola Estadual de Ensino Fundamental José Andrighetto, da localidade de São Jacó, interior de Santo Augusto, está a caminho do centenário. No contexto comunal desconhece-se trajetória similar pelo menos não na dimensão

como a vivência ali consagra.

Apontamentos remetem próximo ao início da terceira década de 1800, quando Francisco de Paula e Silva, o Barão de Ibicuí, foi incumbido de verificar as estradas dos tempos jesuíticos e lhe concedida uma sesmaria de campos e matos, representando a primeira ocupação documentada do Rincão de São Jacob, época em que este vasto território ainda pertencia a Rio Pardo. A notícia de terra fértil, a partir daí, estimulou e acelerou o processo de colonização, evoluindo para a criação do município de Santo Augusto, em 1959.

Registros históricos revelam que as aulas começaram em 1926. A escola não passava de uma construção tosca, cobertura de capim e paredes com pranchas de coqueiro. Norberto Rodrigues era o professor.

No governo de Leonel Brizola foi oficializada pelo Decreto nº 12.241, de 30 de



Escola e seus alunos em momento especial nos primórdios.

março de 1961, data que restou adotada como referência comemorativa, sob o nome de Escola Rural Isolada São Jacó. No dia 13 de agosto de 1968 foi reclassificada pelo Decreto nº 19.818, assumindo a denominação de Escola Rural São Jacó. No mesmo ano, o complexo educacional recebeu seu primeiro bloco em alvenaria, com três salas de aula. Já em 10 de dezembro de 1981

ocorreu outra reorganização, pela Portaria nº 63.863, da Secretaria de Estado da Educação, quando passou a identificar-se como Escola Estadual de 1º Grau Incompleto José Andrighetto, em homenagem ao pioneiro e benfeitor da localidade. Desde 2006 é Escola Estadual de Ensino Fundamental José Andrighetto, prosseguindo competente como o foi até aqui.

A força da agricultura familiar em Tiradentes do Sul

A trajetória de Cleonice Back revela a força da mulher na agricultura familiar e o papel transformador da terra na construção de autonomia

Raízes firmes, mãos calejadas e um coração cheio de esperança, assim Cleonice Back, agricultora de Tiradentes do Sul, resume sua história de vida. Nascida em um lar de agricultores familiares, ela cresceu entre a lida com o leite, a semeadura do milho, a colheita da batata e o feijão recém-posto a secar ao sol. Desde pequena, já entendia o que era responsabilidade, dividia os estudos com o trabalho nas terras arrendadas e na pequena propriedade dos pais.

“Meu caminho foi sendo moldado na roça, junto da minha família”, conta. E foi com esse espírito de pertencimento que, aos 16 anos, começou a atuar no Sindicato da Agricultura Familiar de Tiradentes do Sul. “Nos fins de semana, voltava para casa e seguia ajudando os pais”, recorda.

Em 2006 que a vida de Cleonice e sua família tomou um novo rumo. Através do Programa Nacional de Crédito Fundiário, ela e o marido adquiriram seu próprio pedaço de chão: 8,8 hectares que, mais tarde, seriam ampliados. “Ali construímos a nossa casa, com mui-



to esforço. Também tivemos acesso a outras políticas públicas, como o Pro-

naf, que nos permitiram investir na nossa terra”, relembra.

Mas a caminhada nem sempre foi fácil. A produção de leite, uma das bases da renda da família, passou por momentos difíceis e a ideia de desistir chegou a permear o pensamento da família. “O agricultor familiar vive de esperança. A gente acredita que pode semear de novo, que a próxima safra será melhor. E é essa fé que nos move”, reflete.

Para ela, a agricultura familiar é uma forma de viver e resistir, mas acima de tudo de crescimento. “Hoje, percebemos que a gestão da propriedade já não é mais exclusividade dos homens. As famílias jovens estão dividindo as decisões. É um novo tempo”, observa.

Como mulher, ela também sente os impactos dessa mudança. “Ainda faltam políticas públicas, especialmente para as mulheres do campo. A gente precisa de mais capacitações, para que as mulheres tenham autonomia econômica antes da aposentadoria”, defende. E, mesmo diante de tantas demandas, Cleonice não deixa de atuar no movimento sindical, participar da política, ser mãe, esposa, e ainda cuidar da casa. “A mulher tem uma capacidade imensa de se desdobrar. Mas o apoio do companheiro também é essencial”, disse. “A mulher tem força. Como mãe, como agricultora, como cidadã. E quando se une a outras, essa força se multiplica. O olhar feminino sempre considera o cuidado com a saúde, o meio ambiente, a família e a valorização do que se produz na propriedade”, complementou.

25 de julho
dia do
colono & motorista

Neste dia especial, homenageamos quem cultiva o alimento que chega à nossa mesa e quem percorre estradas levando progresso por todo o país.

Em 25 de julho, celebramos o trabalho árduo e a dedicação de quem produz e de quem transporta.

PARABÉNS COLONOS E MOTORISTAS!

55 anos
amuceleiro
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO CELEIRO DO RS

No agro, você sabe: **tempo é tudo.**

E no mercado imobiliário, também!

- ✔ Valorização sólida
- ✔ Design e inovação
- ✔ Localização estratégica
- ✔ Segurança e privacidade

500m do IFFar



com vaga de estacionamento



quiosques com churrascos




Andare
Construtora

Região organiza programação em honra ao Dia do Colono e Motorista

A cada 25 julho os municípios da Região Celeiro se voltam com gratidão àqueles que são alicerces do interior gaúcho: os colonos e motoristas. Diante da importância da data, diversos municípios organizam uma extensa programação em prol das comemorações.

Das comunidades do concerto regional, São Valério do Sul revela-se como uma das mais ativas quando se coloca diante dos valores da colonização. A assertiva encontra robusta consonância com o seu protagonismo em referenciar o curso da ancestralidade, desde a chegada dos pioneiros, depois prosseguindo por destacar-se como determinante na vida e no processo do desenvolvimento do lugar. Por entender que os valores que dignificam os bons propósitos como forças que potencializam a dinâmica da integridade comunal, São Valério do Sul prossegue ativo em prestar reverência à ancestralidade, reconhecendo os pioneiros na construção do município. Neste domingo, 27 de julho, motivado pela passagem do Dia do Colono, com tangência ao motorista, mais uma vez estará profundamente inserido em programação festiva, tendo por local o Parque Municipal de Eventos. O dia começará com desfile e bênção de veículos e máquinas agrícolas, a partir das 9 horas. Seguir-se-á almoço e, ao cair da tarde, festa popular, com a comunidade compartilhando o que foi e o que ainda continua presente na história de sua gente.

Em Tiradentes do Sul, a programação se estende ao longo de três dias. A abertu-

ra oficial acontece na noite de sexta-feira, 25 de julho, com um café colonial repleto de sabores que remetem às cozinhas de gerações passadas. No sábado, a tarde será dedicada aos jogos de integração, fortalecendo os laços entre vizinhos. Já o domingo, dia 27, começa com a bênção das sementes e das chaves — um ritual de fé e esperança — na Igreja Matriz, às 8h30. Depois, às 10h30, tem início o desfile, seguido por almoço festivo e tarde animada com a Banda Carisma e Marcinho Sonorizações.

São Martinho também presta sua homenagem de forma calorosa. O evento, organizado em parceria com o CTG Cezimbra Jacques e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, acontece no Salão Paroquial, no dia 27. A programação começa cedo, com missa na Igreja Matriz, seguida de desfile temático e bênção dos veículos. O almoço comunitário e a reunião dançante, animada pela Banda 5 Fritz, de Ibirubá, completam a jornada de celebração.

A programação mais extensa, no entanto, será realizada em Padre Gonzales, distrito de Três Passos, que se prepara para receber centenas de visitantes e moradores em uma festa que mescla tradição, religiosidade e memória histórica. As atividades iniciam na quinta-feira, 24 de julho, com o Bailão do Colono e Motorista, às 23h, no Clube Ipiranga. Na sexta-feira, dia 25, acontece o Encontro Regional da Terceira Idade, promovendo o reconhecimento daqueles que também ajudaram a construir a trajetória local.



Registro do desfile temático feito em São Valério do Sul em 2023.

O sábado reserva um momento emocionante: a inauguração do memorial dos colonizadores e dos idealizadores da tradicional Festa do Colono e Motorista. A cerimônia ocorrerá às 14 horas no Jardim Temático e Genealógico Rückert-Thal, espaço que valoriza a ancestralidade. Em seguida, haverá uma carreta conduzida pelas soberanas até o Clube Ipiranga, em homenagem aos imigrantes que chegaram ao Brasil no lendário veleiro — muitos dos quais deixaram descendentes que hoje seguem cultivando sonhos nesta terra. A tarde será encerrada com um café colonial que oferecerá

mais de 50 delícias típicas das gastronomias alemã e italiana, reforçando os laços culturais com as origens europeias.

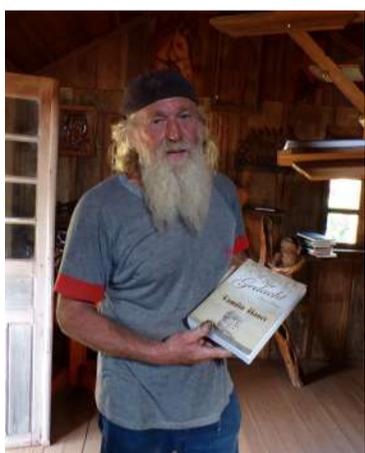
No domingo, 27, a alvorada festiva despertará a comunidade às 6 horas. A partir das 10, começa o desfile de caminhoneiros, seguido pelo desfile temático, que promete emocionar os presentes com referências visuais à história da região. O almoço — com destaque para o tradicional boi assado inteiro e carne suína — reúne os sabores que simbolizam a força do trabalho rural. E, como manda a tradição, o dia encerra com baile e festa popular.

Sua referência ancestral pode estar no Jardim Temático e Genealógico Rückert-Thal

Quem empenhado em conhecer particularidades dos valores da ancestralidade poderá encontrar no Jardim Temático e Genealógico Rückert-Thal uma substancial fonte referencial. Mauro Rückert, artesão e ambientalista, nesta direção, teve seu acervo bibliográfico pertinente enriquecido depois da consagração do veleiro cenográfico no dia 21 de julho de 2024, em Padre Gonzales, Três Passos, quando da passagem dos 200 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul.

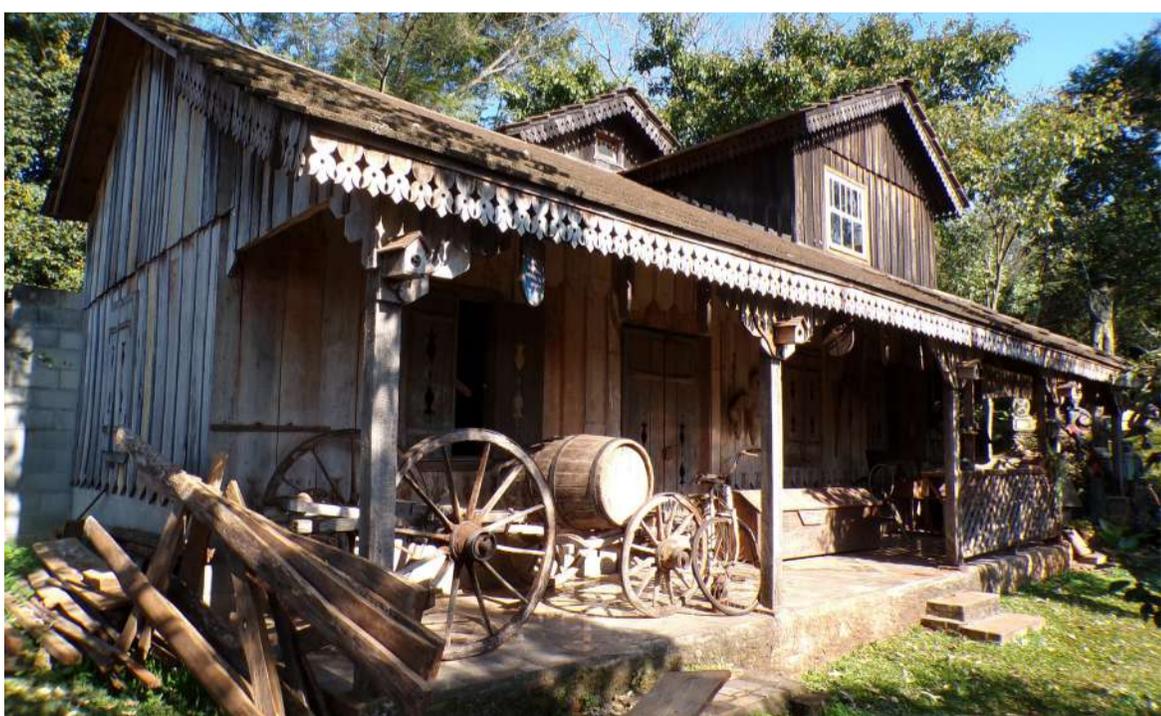
Da deriva daquele evento evocativo, que na época encontrou sugestiva repercussão na Alemanha, o Partner Zeitung (publicação em alemão e inglês), floresceu o interesse pela ancestralidade genealógica teuta. Dezenas de obras, de autores diversos, tratando sobre a temática envolvendo imigrantes que protagonizaram a sucessão das gerações, foram postas.

Mauro Rückert, por sua obra



Mauro Rückert exporá obras durante o período da festa.

cenográfica e por seu conhecimento sobre a ancestralidade, acabou contemplado com obras históricas, entre outras, sobretudo, de genealogia. Dezenas de genealogias desfilam ao correr das páginas, entre as quais possível ao interessado encontrar a da sua origem, se descendente de quem algum dia, no longínquo passado fez a grande travessia. Gente de sua



Jardim Temático abriga obras sobre genealogia

gente pode estar entre quem carrega igual ou semelhante sobrenome.

Aproveitando as festivida-

des, Mauro Rückert estará presente expondo obras sobre genealogia. Sob tal perspectiva, pretende colaborar para que

o potencial histórico seja percebido no âmbito qualificativo, como uma expressão complementar dos valores ancestrais.



Suas
raízes
deixam um **legado**
em cada canto do país

De geração em geração, vocês plantam, colhem, transportam e ajudam a transformar o mundo com trabalho, cuidado e dedicação.

Neste dia do Colono e Motorista, o Sicoob celebra quem faz da terra um caminho de força e de cooperação.

25 de julho – Dia do Colono e Motorista

 **SICOOB**